



DECRETO N.º 8101 DE 29 DE MAIO DE 1984

DENOMINA "MARCONI CATAMARE" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto - Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

CONSIDERANDO que o artigo 8.º do Decreto n.º 3476, de 11 de setembro de 1969, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto n.º 5690, de 14 de maio de 1979, concede ao Executivo a prerrogativa de denominar próprios, vias e logradouros públicos, independentemente de manifestação da Comissão criada para opinar sobre a matéria, desde que haja indicação de vereadores;

CONSIDERANDO existir indicação nos termos do referido diploma legal;

CONSIDERANDO que aos membros do Legislativo cabe a honrosa tarefa de colaborar com o Executivo na indicação de nomes de próprios, vias e logradouros públicos e que o seu judicioso critério de escolha é acatado pelo Executivo sem restrições,

DECRETA:

Artigo 1.º - Fica denominada "RUA MARCONI CATAMARE" a rua 2 do Jardim Stella, com início na Avenida 2 e término na Avenida 1 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 29 de maio de 1984

JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
Prefeito Municipal

NEIDE CARICCHIO
Secretária dos Negócios Jurídicos

AUGUSTO FERNANDO DE BARROS PIMENTEL FILHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do Protocolado n.º 11.509, de 12 de abril de 1984, em nome do Vereador Antonio Garcia e outros, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 29 de maio de 1984.

PLÍNIO GUIMARÃES MORAES
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



MARCONI CATAMARE

Vítima de lamentável acidente faleceu o jovem Marconi Catamare, de 23 anos de idade.

Marconi era destacado policial militar e faleceu depois de um confronto com marginais, aqueles que ele sempre se empenhara em combater.

Cesado, deixou um filho de nome Marcon.

O seu passamento enlutou a toda a coletividade, especialmente porque aconteceu quando ele tentava defender a segurança da coletividade.

Ante o ocorrido, consideramos mais do que justa a denominação de uma via pública de nossa cidade, motivo de apresentarmos tal solicitação.

a) Antonio Garcia e Outros

Protocolado nº 11.509 de 12-abril-1984.

Int.: Ver. Antonio Garcia e Outros.

RUA MARCONI CATAMARE

Decreto nº 101 de 29-05-1984



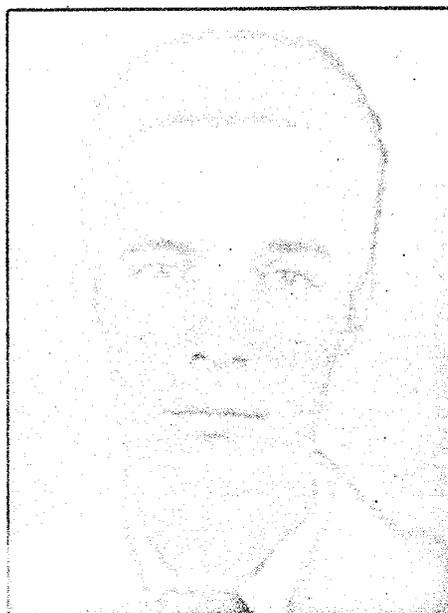
Morte de PM: viúva fala "em tentativa de assalto"

Apesar de a polícia suspeitar de que a viúva Célia Ramos Camatari tenha informações com respeito aos autores da morte de Marconi, seu marido, a mulher manteve contato com os policiais do Setor de Crimes contra a Pessoa, na manhã de ontem, e voltou a reiterar a versão de tentativa de assalto frustrada.

O fato é que nenhum bandido foi reconhecido por Célia Camatari, razão pela qual a hipótese mais viável está ligada à vingança. Outro fato indica o envolvimento do policial militar com elementos viciados em entorpecentes, já devidamente comprovado em virtude das informações colhidas pela Polícia Civil.

Por horas e horas, Célia manteve contato com os investigadores, na Delegacia Seccional de Polícia, porém nada de concreto com relação aos criminosos ficou apurado.

Célia reiterou a versão de tentativa de assalto e demonstrou muita revolta em relação às circunstâncias em que Marconi Camatari fora



Marconi Camatari

morto, a tiros, por três elementos, que não foram identificados. Sendo assim, o desafio ainda marca as investigações da Polícia Civil.

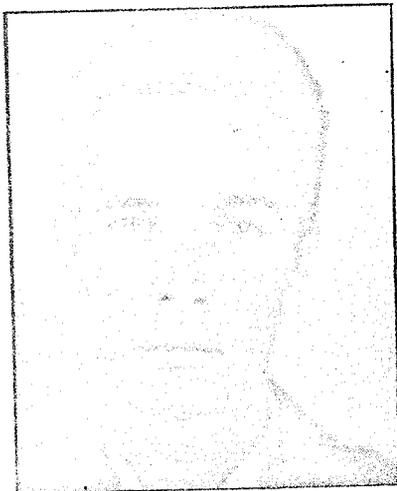
(Recorte extraído do jornal "Correio Popular" de Campinas, de 31-janeiro-1984)



Crime pode ser vingança

PMs protestam contra o assassinato de colega

Mais de mil pessoas participaram do sepultamento do policial militar Marconi Camatari, 23 anos, na tarde de ontem, no cemitério da Saudade, deixando, assim, uma mensagem de repúdio à maneira como a vítima foi executada, a tiros, por três elementos desconhecidos, nas imediações de sua residência no Parque Universitário.



O PM assassinado

Quando caminhava pela rua 17, em companhia de sua esposa, Célia Ramos Camatari, anteontem à noite, o PM Marconi foi surpreendido por três elementos, que exigiram mediante armas de fogo, seu revólver. Como respondeu que "estou sem arma", o policial foi empurrado contra uma parede e, em seguida, barbaramente assassinado com seis tiros disparados, à queima-roupa.

O policial Marconi pertencia a 2ª Companhia, exclusiva do serviço de Trânsito da cidade e anteontem estava de folga, quando então resolveu sair juntamente com sua esposa e filhos. Por volta das 22h, retornava à sua residência no Parque Universitário, quando foi interpelado por três homens — dois deles brancos e aparentemente menores de idade, enquanto outro era negro e barbudo.

Morte

Segundo versão de sua esposa Célia Ramos Camatari, os desconhecidos agiram de maneira rápida e não permitiram que nenhum deles reagisse, ou até solicitasse socorro. Anunciaram o assalto e pediram o revólver de Marconi, deixando claro que conheciam Camatari como "policial", mesmo este estando à paisana.

— Eu não estou com o revólver neste momento — respondeu rapidamente o militar, fato que fez com que os desconhecidos o arrastassem junto a uma parede e, ali a frente de seus familiares, Marconi Camatari foi morto friamente.

— Foi tudo feito com requintes de perversidade. São elementos que agiram com vingança. Não há outra hipótese — falavam ontem os policiais militares que estavam no velório de Camatari. Inclusive algumas pessoas da família de Marconi manifestaram a mesma opinião a respeito de sua morte, porém até o momento fala-se em hipótese apenas, isto porque não há informações ainda com relação aos autores do assassinio.

Em 79, início da carreira

— Foi em julho de 79 que Camatari começou ainda como recruta. Na época eu era comandante do Pelotão do qual ele fazia parte. No quartel não há pessoa que tem queixa de Camatari. Sempre correto com os companheiros e, principalmente, na realização do trabalho de rua — disse o tenente Nascimento, responsável pelo serviço de trânsito na cidade, afora o capitão Lourencini, comandante da 2ª Companhia do 8º Batalhão da PM de Campinas.

— Em casa ninguém tem queixa dele. Sempre foi muito bom. Se dependesse somente de mim ou de você, garanto que não havia crime. Mas o que fazer com esse Governo? O que fazer com essa polícia? Alguns elementos pagam dinheiro e, dentro de poucos dias, os bandidos estão na rua — protestou Marcos Camatari, irmão de Marconi.

— A situação é muito delicada. A maneira como mataram o Marconi é simplesmente lamentável. Todos estamos trabalhando, há policiais já destacados para a efetivação das prisões na região do Parque Universitário e, da maneira como o Marconi foi assassinado, há possibilidade de vingança. Com um pouco de sorte, prenderemos os marginais — disse o major Denizalle, exemplo de alguns policiais militares que trabalharam intensamente no dia de ontem, visando o esclarecimento da morte de Camatari, também foram mobilizados os investigadores do Setor de Crimes contra a Pessoa, da Polícia Civil, embora sem êxito.

(Recorte extraído do jornal "Correio Popular" de Campinas, de 28-janeiro-1984)

RUA MARCONI CATAMARE



Policia militar morto a tiros por bandidos

Com seis tiros na altura do pescoço e do rosto, o policial militar Marconi Tamatari, 24 anos, casado, foi assassinado, por vários bandidos, no final da noite de ontem, quando chegava em sua casa, na rua 17 no Parque Universitário.

Marconi Tamatari encontrava-se em companhia de sua esposa e filhos quando se aproximava de sua residência; ele vinha da casa de sua sogra e caminhava junto a uma das calçadas da rua 17, quando foi surpreendido e pressionado por vários elementos, que não chegaram a ser identificados.

— É um assalto — anunciaram os desconhecidos, fazendo com que o policial se aproximasse de um muro residencial, ficando ao lado de sua esposa. Os bandidos, segundo as informações apuradas, exigiram do PM o revólver, "Taurus" de calibre 38, exclusivo da Polícia Militar de Campinas.

A resposta do policial foi imediata: "Não tenho arma nenhuma, neste momento", razão pela qual em questão de segundos, os desconhecidos efetuaram vários tiros contra o rosto de Marconi, que tombou

gravemente ferido. Socorrido por populares e removido ao Pronto-Socorro Municipal, o PM não resistiu aos ferimentos, vindo a falecer.

Ainda ontem pelo menos quinze policiais militares foram designados pelo comando do 8º Batalhão de Campinas, visando exclusivamente a detenção dos criminosos, porém, até o final da noite, as diligências haviam sido infrutíferas.

Dois mortos

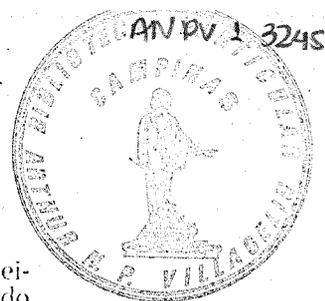
Os funcionários da Fepasa, João Moraes Olmeda, 38 anos e João Batista Rodrigues Ferreira, 35 anos, morreram na noite de anteontem, num acidente na rodovia Indaiatuba-Campinas, envolvendo um caminhão e um Volks.

As duas vítimas viajavam no Volks, placas RI-4706, Indaiatuba, dirigido por Claudionor Antonio Ferraz, 38 anos, casado, morador no Parque da Estação da Fepasa, em Itu.

Na altura do km 28, por volta das 19:30h, ocorreu o acidente.

(Recorte extraído do jornal "Correio Popular", de Campinas, de 27-01-1984)

anpv/08/1984



Finalmente, um pouco de luz sobre a identidade dos matadores do policial militar Camatari, assassinado friamente por três elementos, na noite da última quinta-feira. A Polícia Militar, bem como a Civil, caçam intensamente um meliante conhecido por "Piolho", denunciado através de um telefonema anônimo.

A esposa da vítima, Celina da Silva Ramos Camatari, por outro lado, disse que os três assassinos são dois pretos fortes e um branco, loiro, barbudo, e não dois menores brancos, que aparentavam pouca idade; e um preto barbudo, conforme relato do Boletim de Ocorrência.

Como aconteceu

Ainda bastante traumatizada pelo frio assassinato de seu marido, Celina da Silva Ramos Camatari contou que voltava da casa de sua irmã, localizada no Parque Universitário, juntamente com o marido, o PM Marconi Camatari, conversando sobre o que ela faria depois que seria operada. Vinham assim, tranquilos, e, segundo a esposa, seu marido vinha lhe dando uma "força", incentivando-a a tirar carta de motorista tão logo ficasse boa.

Quando chegaram na Rua 17 do Parque Universitário, tomando as precauções normais para quem anda a pé por um bairro mal iluminado, foram surpreendidos com a presença repentina de três elementos armados de revólveres.

A angústia

"Os bandidos mandaram a gente colocar as mãos na cabeça en-

quanto pediam dinheiro, jóias e o revólver do meu marido", contou Celina Camatari. Tendo pela vida de seu marido, Celina procurou ficar colada ao seu corpo mas foi empurrada por um deles que ainda ameaçou-a com um tiro na cabeça.

E foi a última vez que Celina Camatari viu seu marido vivo: encostado na parede, com as mãos na cabeça e a angústia da morte estampado nos olhos. Num dado momento, houve um tiro e Celina Camatari atendeu o desesperado apelo do marido: "Fuja, meu bem, fuja". E correu atrás de ajuda, enquanto ia ouvindo os tiros às suas costas, sendo que os frios assassinos também procuraram acertá-la.

Depois disso, o silêncio voltou ao bairro, sendo cortado apenas pelos desesperados gritos de Celina Camatari. Segundo ela, havia um carro grande, de cor clara, estacionado perto do local do crime, e que desapareceu quando voltou em companhia de uma mulher para ajudar o marido, que já estava morto, com a cabeça caída numa poça de sangue, mutilada pelos tiros recebidos.

O motivo

Contou ainda à reportagem, que o seu marido tinha muitos inimigos, todos eles conseguidos quando Marconi Camatari trabalhava na Rádio Patrulha, antes de ser transferido para o setor de trânsito. E foi justamente para fugir de seus inimigos que Marconi Camatari havia se mudado do Jardim São Fernando.

Até o momento, "Piolho" não foi localizado pelos policiais.

(Recorte extraído do jornal "Diário do Povo" de Campinas, de 29-janeiro-1984)